



CAMINHOS ENTRE TEOLOGIA E VIDALOGIA: PARA COMPREENDER A TEOLOGIA FEMINISTA

Vanessa Maria Gomes Barboza*

Resenha: Para compreender a Teologia Feminista/ Ivone Gebara. São Paulo: Editora Recriar, 2023. 136, p. 21cm.

Sobre a autora, sabemos que a Dra. Ivone Gebara filósofa e teóloga ecofeminista tem se dedicado ao pensamento crítico que toma como base as dores reais das pessoas e maneira particular das mulheres. A base de sua abordagem é a atenção à multiplicidade de interpretações que sustentam a vida das pessoas em contrastes com as fórmulas teóricas políticas e religiosas que abundam em nossa direção colonialista, chegando ao extremo de desvirtuar a capacidade e pensarmos de forma autônoma, múltipla e criativa aprendendo uns com os outros. Viveu e trabalhou muitos anos no nordeste do Brasil, especialmente em Recife (PE). Publicou vários livros e artigos nessa perspectiva e traduzidos em diferentes idiomas. Atualmente vive em São Paulo (SP).

Os aspectos gerais do livro físico e a apresentação geral repousam sobre duas grandes partes: A primeira, com o tema “De onde vem a teologia?” e a segunda, com o tema “Teologias feministas”. O material totaliza 136 páginas divididas em 14 capítulos. Cada um deles tem em média 6 páginas, o que torna a leitura mais dinâmica e rápida, mas, não menos envolvente. As escolhas sábias e o uso acessível das palavras ao tratar de um assunto tão complexo, oferece uma experiência de leitura fluida e profunda, embora repleta de provocações profundas sobre

* Doutoranda em Ciências da Religião na UMESp, Mestra em Educação, Identidades e Culturas pela UFRPE/FUNDAJ, Bacharel em Serviço Social pela UFPE.



conhecimento acumulado, senso comum, relações de poder, filosofia e cotidiano.

O que é teologia é o primeiro capítulo do livro onde a autora inicia a reflexão sobre o conceito e origem da palavra teologia. Ao abordar a questão da evolução e contexto dos usos das palavras ao longo dos tempos e lugares, Ivone nos conduz a refletir sobre como a palavra teologia, ou os “estudos sobre as questões das divindades” tomou forma. Ela também nos convida a compreender a teologia através das nossas experiências humanas. Naturalmente, reproduzimos o que recebemos e nem sempre pensamos a respeito disso. Acontece do mesmo jeito em relação à teologia. Por isso, falar sobre Deus, está presente em todas as pessoas, mesmo aquelas que não se reconhecem como religiosas. É através dos mitos que todas as religiões do mundo constituem suas teologias, tornando assim seu significado *múltiplo e complexo*.

O capítulo 2 “*Como tudo começou: hipótese e um significado*” nos leva a pensar que o surgimento das crenças é um processo antropológico, que atravessa a experiência de nossos corpos e os sentidos que damos a essas vivências. A experiência da sexualidade criativa nos chama a pensar como o fenômeno da criação e reprodução humana gera em nós as ideias de que há algo de celestial e sobrenatural em nós. E dessa experiência corpórea feminina da geração de vida, nossa história humana já compartilhou o entendimento do corpo feminino como espaço sagrado. Percepção esta que foi modificada ao longo dos tempos pela intervenção patriarcal.

Ao trazer fatos concretos a partir das leis naturais que constituem o cosmos ou da *evocação das experiências humanas* como a vivência sexual humana e a morte, Ivone nos mostra como esses eventos inexoráveis estão no fundamento de nossa busca humana por sentido e conforto. Nesse entremeio de vida e morte, a compaixão aparece como elemento cultivado por muitas religiões pois é posta como ponto de encontro empático entre semelhantes. São as experiências limítrofes da vida que se relacionam com a religião e a teologia. O extraordinário do cotidiano é o palco onde essas explicações são tecidas e atribuídas a seres superiores que tudo sabem.

As religiões, segundo a autora, são fruto *das nossas experiências humanas, de nossas necessidades de sobrevivência, de nossas emoções*



(p. 26, 2023). Ivone explica como a experiência diferenciada das atividades humanas e produtivas entres os gêneros masculinos e femininos trouxeram percepções diferentes sobre essas divindades; as vivências cotidianas do pastoreio (masculino) e da agricultura (feminino) mostram como a compreensão sagrada sobre Terra foi modificada ao longo da história. Somos bio e somos logos intrinsecamente.

De forma mais conclusiva, a ênfase é de que a religião é uma criação cultural humana, frente ao desespero da existência. Como a religião deu espaço à teologia, conhecida como esses saberes sistematizados, organizados no âmbito de uma lógica principalmente sobre as questões mais naturais da vida, como o nascimento, a morte, o desejo e o medo. Tanto a religião como a teologia se sustentam na tradição que é transmitida de geração em geração, e percebida por todos nós como coisa natural, embora não seja. Essa sustentação é protagonizada majoritariamente por pessoas do sexo masculino.

Já no capítulo *Marcos históricos de teologia cristã* o percurso histórico que fez a religião e a teologia evoluírem de modo patriarcal, é apresentado pela autora neste capítulo em 4 partes: O movimento de Jesus; O Império Romano e a teologia patrística; Tempos Modernos e o Mundo Contemporâneo.

Na sessão sobre o *movimento de Jesus*, é destacado como a história de Jesus de Nazaré que foi testemunhada pelos seus contemporâneos de tal forma se tornar a referência máxima da religião cristianismo. Jesus seria o iniciador de um movimento religioso-político no interior do judaísmo. Em seu movimento, Jesus convida aos seus líderes e seguidores a retomar a prática de justiça e amor da tradição judaica primitiva. O movimento se tornou uma ameaça à ordem estabelecida e seus seguidores foram perseguidos e martirizados. As pessoas excluídas e marginalizadas encontraram nesse movimento uma nova esperança.

Na sessão sobre o *Império Romano e a teologia patrística* temos a ascensão da fé cristã como a religião oficial do Império de Constantino. Nesse momento da história das comunidades cristãs houve uma verdadeira expansão territorial dessas comunidades e a inclusão de vários grupos marginalizados, mediante a prática do bem. As primeiras produções, ou sistematizações, teológicas dos testemunhos das primeiras igrejas apostólicas, se referenciam na filosofia grega que é incorporada



com a base de interpretação da vontade divina e dos ensinamentos de Jesus, direcionando a valorização da vida humana no mundo pós-morte.

Na *Idade Média*, a teologia se refere a um longo período e quais 10 séculos. O que sabemos sobre o papel da igreja e da teologia diz respeito a Igreja Ocidental, europeia. É nesse período que surgem as *escolas de teologia* e a filosofia grega como método de pensamento que se consolida na sistematização teológica, submetendo a razão às verdades da fé. Pelo esforço de manter as verdades eternas inquestionáveis e protegidas de heresias, a Igreja Católica Romana desenvolve um trabalho de perseguição mortal aos dissidentes e também de degradação da razão.

Nos *Tempos Modernos* situa-se na experiência da Europa Ocidental. Ivone, é enfática ao delimitar que a percepção e vivência dos tempos fora do perímetro europeu eram outros para outros povos, em outros lugares. A colonização surge como um processo de apagamento e subjugação de povos outros (em relação à Europa). A Reforma Protestante promove uma divisão geopolítica na Europa: os reinos católicos e protestantes dividem o mundo. Durante os séculos XV e XVI consagrou a perspectiva moderna do mundo europeu.

Na sessão do *Mundo Contemporâneo* a compreensão de mundo contemporâneo é georreferenciada, ocidentalmente. Marcada pela pós Segunda Guerra Mundial, é na emergência do existencialismo filosófico e do marxismo que muitos movimentos sociais e religiosos buscarão uma compreensão da vida e da existência por um retorno à ética cristã. A teologia das realidades terrenas vem se opor à teologia das coisas celestes. A contemporaneidade na América Latina é marcada pela presença da teologia da libertação, mas também por outras teologias neopentecostais.

Sobre a Teologia da Libertação (TL) que surgiu no contexto da América Latina, entre os anos de 1960 e 1970, diante de uma conjuntura econômica e social de subordinação e dependência em relação aos países do norte global. Nesse período também aconteceram as efervescências dos movimentos sociais em busca por mudanças estruturais. A TL vem direcionar o pensamento e interpretação da realidade a partir das dores do pobre, e faz novamente, uma leitura dos profetas e dos



ensinamentos de Jesus Cristo à luz do compromisso com a justiça social. Entretanto, a nova ordem econômica global iniciada nos anos 90, desarticulou a Teologia da Libertação e deu lugar para novas igrejas e novas formas de pensar a luta social de um lugar mais plural.

Em *A Teologia ou as teologias: dependência e independência de instituições religiosas*, Ivone sintetiza os objetivos da primeira parte do livro proposta pela autora. Aqui, Ivone Gebara reafirma sua intenção em fazer as leitoras e os leitores pensarem sobre o que é religião e teologia, e segundo ela “o conteúdo de nossas crenças, no caso, nossa teologia, não pode nos escravizar”. A questão da institucionalidade da teologia é outro ponto que requer reflexão.

Há produções plurais em um mesmo espaço institucional e há produções independentes fora da institucionalidade. A exemplo disso, há as pequenas comunidades que buscam um retorno à tradição cristã da solidariedade e do cuidado mútuo e os grupos de duplo pertencimento. Assim, a primeira parte do livro é concluída com compreensão de que a teologia tem sua história plural, suas escolhas e suas consequências. Que não há verdades eternas, mas, verdades provisórias diante da dinâmica mutável e extraordinária da vida.

Na segunda parte - Teologias Feministas, os capítulos 6, 7 e 8 iniciam a segunda parte do livro com os títulos “*Por que nasceu a Teologia Feminista*”, “*O problema que nos ocupa*” e “*Os tempos atuais da Teologia Feminista*” relacionam bem a transição para outro nível da reflexão que autora se propõe a fazer. Como uma costura bem tecida, Ivone Gebara nos conduz com informações históricas relevantes sobre o legado de mulheres antepassadas que ao longo da evolução da história sempre desenvolveram uma postura de resistência face ao poder patriarcal estabelecido.

Para essas religiões, é uma ideia abominável pensar em Deus como a partir da figura feminina. Em outra parte, a construção simbólica de um ser perfeito e inatingível gerou consequências emocionais e psicossociais incalculáveis e que são objeto do feminismo teológico nos dias atuais. E, a respeito dos tempos contemporâneos, Ivone sublinha que o termo *teologia feminista* é também um conceito fruto de uma época histórica - nos pós 1960 - situada no espaço - Ocidente.



Sob o poder patriarcal religioso, “o mundo e os comportamentos humanos apreciam serem guiados por leis vindas do além” advindos dessa fonte masculina precedente das hierarquias terrenas. Mesmo assim, sempre houve mulheres críticas que sempre questionaram essa narrativa e buscaram referências no passado, como a figura da Sórora Juana Inês da Cruz no século XVII. No século XX, a figura e pioneirismo da Elizabeth Candy Station é trazida pela autora com uma grande influenciadora do pensamento crítico feminino, influenciado pelo feminismo. Uma influência que marcou toda uma geração de biblistas feministas que adotaram uma ótica diferente sob os textos sagrados. Ivone apresenta sua opção metodológica em assumir uma reflexão a partir de perguntas sobre a vida cotidiana, afirmando que é neste espaço que se situa a teologia feminista, buscando uma abordagem mais inclusiva e mais promotora da justiça nas relações humanas.

Nos capítulos da Socialização Patriarcal do Sagrado e a hegemonia dos símbolos masculinos, o sexo de Deus sublima como a suspeita das mulheres intervém nesse ciclo histórico. Na reflexão sobre socialização patriarcal, a supervalorização do masculino em relação ao feminino é naturalizada em nós e acontece através das nossas vivências cotidianas e espaciais, percebemos como as simbologias masculinas são introduzidas nas instituições e nos espaços públicos. Essa simbolização é reforçada pelas diferentes áreas da cultura e a religião como uma delas, também endossa isto. A figura feminina é sempre apresentada como coadjuvante e submissa em relação à figura masculina.

Assim nossa socialização se baseou na aceitação plena da superioridade masculina, na educação de nossas emoções frente a hierarquia patriarcal que segundo dito, era confirmada como a vontade de Deus. A quebra da hegemonia simbólica masculina só aconteceu a partir do século XX, devido principalmente às intervenções sociais feministas. Esse *poder religioso* tem se atualizado a partir das novas configurações geopolíticas do mundo, dando espaço e incorporando elementos imperialistas e consumistas neoliberais.

No capítulo 11 *Afinal, Deus em sexo?* Pensamos em como a sexualização de Deus foi posta e construída a partir daquele, homens, que falavam em seu nome. A contingência da sexualidade humana e das demais



formas de vida da natureza era um ponto de necessária harmonização com a imagem de um ser criador e superior a todas elas. A criação do mundo e suposta fraqueza feminina no paraíso atribuíram às mulheres toda espécie de inferiorização. O Deus assexuado teria se expressado de forma masculina ao longo dos tempos e então, e em consequência, os homens são considerados os únicos capazes de representar Deus.

Já no capítulo *A suspeita das mulheres*, a autora nos revela como a postura de questionamento a partir da dúvida e da desconfiança vem mudando o movimento da hegemonia patriarcal a partir do século XX. Essa é a postura, acompanhada de perguntas sobre tudo o que está estabelecido como verdade absoluta. O fundamento religioso da vida foi desestabilizado com os avanços do mundo moderno e isso deu espaço para vários questionamentos sobre essas antigas percepções sobre o mundo.

Por isso, segundo Ivone, “a teologia feminista reafirma a complexidade e interdependência da vida humana em relação ao conjunto do universo e do planeta(...) estamos afirmando uma espécie de biocentrismo humanista”. Haveria então, uma fé que aposta na vida, como a nossa luta diária pela vida. Ivone Gebara, afirma a relação substancial entre feminismos e teologia, sendo as teólogas feministas ou as teologias feministas as protagonistas de um processo radical de mudança de paradigma do pensamento religioso ocidental.

Em a *Transcendência ou experiências da transcendência* aborda-a como uma dimensão que foi resgatada de forma crítica pelas mulheres teólogas na segunda metade do século XX. A transcendência se manifesta de forma concreta diante das experiências de vulnerabilidades e das impotências humanas, seja diante do bem ou do mal. Essa resignificação conceitual desestabiliza as relações de poder outrora estabelecidas e as novas relações também. A resignificação estética também faz parte desse conjunto de reivindicações.

Na sessão “*Esforços críticos e novas sistematizações teológicas feministas*” adentra a profundidade da crítica feita pelo feminismo teológico, pois sua reivindicação não está posta apenas sobre a redução das hierarquias entre homens e mulheres socialmente estabelecidos. Elas ousam “introduzir o pluralismo e a contingência no pensamento teoló-



gico de modo que as formulações e doutrinas consideradas verdades absolutas e universais tenham de certa forma seu conteúdo absolutista desmascarado e transformado” (p. 113, 2023).

A autoridade da teologia feminista para tamanhos questionamentos vem do poder da experiência das mulheres em suas vivências religiosas nas igrejas pois “é a partir de nossos corpos que experimentamos a necessidade de ir além das construções religiosas que ainda nos mantém colonizadas e dominadas por poderes superiores e inferiores, por velhos e novos poderes” (p. 114, 2023). Como postura ética, a percepção e a denúncia estão presentes, a ruptura com o dogmatismo da tradição religiosa patriarcal. O amor por nós mesmas e também pelos homens cativos dessa construção são as razões e o porquê dessa escolha.

A ideia de um novo contrato social que inclua leis e educação inclusiva e plural para cidadania faz parte dessa alternativa de repensar o mundo, incluindo nesse bojo, as instituições religiosas e a teologia. Segundo Ivone “É nesse sentido que a teologia feminista se torna um esforço para pensar a vida humana a partir da vida humana. A teologia se torna vida, vitalidade!” (p. 121).

A proposta do feminismo não é de tomar o lugar do poder antes estabelecido, mas, de pensar formas de inclusão, da luta por justiça e de um auto referenciamento. Uma nova tessitura plural da vida social pode ser testemunhada: teologia das mulheres de origem africanas, teologia das mulheres de origem indígena latino-americana, teologia das mulheres lésbicas e transsexuais, teologia das mulheres imigrantes e de origem asiática, teologia queer e a teóloga ecofeministas seriam exemplos dessa realidade.

Na sessão “*Teologia ou simplesmente sabedorias de vida*” Ivone reafirma que a teologia feminista também é uma entre as várias interpretações da tradição religiosa cristã, embora ela mesma pretenda ser “pescadora das sabedorias da vida presentes nessa tradição e quer relê-las a partir de um referencial de justiça social e justiça de gênero”. A teologia feminista busca reunificar a vida na linha da relacionalidade.

Na *brevíssima conclusão* Ivone Gebara encerra seu livro com palavras de encorajamento frente aos desafios postos, orientando a todas e todos pela perseverança no amor, e na reinvenção de possibilidades



de vida, para que avancemos no século XXI cultivando esperança contra a desesperança. Esse é o legado das teologias feministas para o agora.

Por fim, a obra pode ser considerada como um profundo e esperançoso convite a descortinarmos os fortes paradigmas que mantêm a subjugação feminina como estrato da dinâmica social ao redor do mundo e, ao longo dos tempos. É um convite que exige de todas as pessoas coragem, fé na humanidade e esperança, e que nos abre um caminho de possibilidades para a criatividade, para a libertação, para o justo e para vida plena.

Submetido em: 4-5-2023

Aceito em: 3-6-2023